



Peruanidad(es) no Brasil: a construção de identidades na experiência migratória de estudantes peruanos no Rio de Janeiro

Camila Daniel ¹

Peruvianness(es) in
Brazil: constructing
identities in the
migratory experience of
Peruvian students in
Rio de Janeiro

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v8n13.2017.70584>

¹ Doutora em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Professora do Departamento de Ciências Administrativas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: camiladaniell@gmail.com.

Resumo:

Este trabalho examinará como os peruanos que chegaram ao Rio de Janeiro como estudantes universitários (re)constroem sentidos sobre o que é “ser peruano” no Brasil. Escapando do falso dilema entre preservar a identidade de origem ou se aculturar, os estudantes fazem uma apropriação crítica de elementos brasileiros, ao mesmo tempo em que (re)avaliam os aspectos peruanos de sua identidade, (re)forçando alguns e relativizando outros. Nesta dinâmica, a comida, a dança e a música peruanas são ativadas como elementos diacríticos (BARTH, 2000) que possibilitam a identificação dos estudantes com outros peruanos no Rio de Janeiro, a despeito de suas diferenças. Por outro lado, o estranhamento que sofrem pelos brasileiros, por exemplo, pelo seu sotaque, desempenha um importante papel neste processo. A noção de *experiência migratória* (DANIEL, 2013) balizará esta análise. Este trabalho se baseia no trabalho de campo etnográfico realizado entre 2011 e de 2012.

Palavras-chave: identidade; etnicidade, mobilidade estudantil.

Abstract:

This paper will examine how Peruvians who arrived in Rio de Janeiro as university students (re)construct meanings about what it is like “to be a Peruvian” in Brazil. Escaping from the false dilemma between preserving the identity of origin or acculturating, students make a critical appropriation of Brazilian elements, while re-evaluating the Peruvian aspects of their identity, (re)forcing some and relativizing others. In this dynamic, Peruvian food, dance and music are activated as diacritical elements (BARTH, 2000) that allow the identification of students with other Peruvians in Rio de Janeiro, despite their differences. On the other hand, the strangeness student suffer by Brazilians, due to, for example, their accent, plays an important role in this process. The notion of *migratory experience* (DANIEL, 2013) will guide this analysis. This work is based on ethnographic fieldwork conducted between 2011 and 2012.

Keywords: identity; etnicidade, student mobility.

Introdução

Este trabalho examinará como os peruanos que chegaram ao Rio de Janeiro como estudantes universitários (re)constróem diferentes sentidos para o que é “ser peruano” no Brasil. Apesar de ainda preterida no campo dos estudos migratórios, a mobilidade estudantil se caracteriza como um tipo particular de fluxo internacional de pessoas que também manifesta as pressões estruturais do capitalismo neoliberal no mundo e na América Latina - exigência do mercado de trabalho mundial por mais qualificação, a expansão do capital estrangeiro e corporações no ensino superior, a internacionalização da educação, a redução do investimento público em educação - que afetam a construção de identidades.

Por outro lado, além de obter um diploma de graduação, mestrado ou doutorado, se tornar um estudante estrangeiro no Brasil oferece aos peruanos a possibilidade de (re)pensar quem são em relação aos “outros”, entre eles seus familiares e amigos que ficaram no Peru ou estão outros lugares do mundo, aos brasileiros e demais estrangeiros com quem convivem no Rio de Janeiro. Em outras palavras, além da dimensão macrosociológica, a mobilidade estudantil internacional é também constituída por uma dimensão subjetiva e cultural, formada a partir da percepção, dos sentimentos e dos significados atribuídos a ela pelos atores envolvidos em tal fluxo.

Este trabalho analisará como os peruanos que chegaram ao Rio de Janeiro como estudantes universitários se percebem como indivíduos e (re)elaboram diferentes formas de “ser peruano” no exterior. Para tanto, exploraremos a noção de *experiência migratória*, entendida como "um processo no qual o indivíduo, através do deslocamento geográfico, encontra a possibilidade de circular por outros universos culturais e simbólicos e de lançar um olhar distanciado tanto sobre o país de destino, como do país de origem e sobre si mesmo" (DANIEL, 2013, p. 26). Inseridos no contexto de descentramento do sujeito propiciado pelo questionamento às identidades baseadas nas metanarrativas, como a nação e a classe (HALL, 2006, p. 15), os estudantes peruanos escapam do falso dilema entre preservar uma identidade de origem ou se aculturar, fazendo uma apropriação crítica de elementos peruanos e brasileiros na construção de uma *peruanidad* no Rio de Janeiro.

Neste processo, a música, a dança e comida peruanas são apropriados como sinais diacríticos que reforçam o sentimento da *peruanidad* em relação à identidade brasileira. No entanto, a unidade imaginada por tal identidade não apaga as desigualdades de poder e as hierarquias dentro da própria comunidade peruana, entre elas a classe, na qual os estudantes, pela qualificação da mobilidade estudantil, ocupam um lugar privilegiado em comparação a outros imigrantes. Por outro lado, tal *peruanidad* também é construída em relação aos brasileiros, mais especificamente os cariocas. Apesar de representados como simpáticos e cordiais, os cariocas são também vistos como distantes, sendo uma das formas de reproduzir a distância a discriminação dos peruanos pelo sotaque. Assim, é na relação com outros peruanos e com os brasileiros que os estudantes peruanos participam ativamente da dinâmica de construção de uma *peruanidad* como identidade étnica no Rio de Janeiro.

Este trabalho foi realizado por meio de trabalho de campo etnográfico no período de maio de 2011 a julho de 2013. O trabalho de campo incluiu a realização de observação participante, entrevistas semiestruturadas, conversas informais (presenciais e via facebook) e minha ativa participação, inclusive como dançarina do grupo de danças folclóricas peruanas, em eventos públicos como as celebrações da independência do Peru, do dia da hispanidade e do Sr. de los Milagros, as festas *Noches de Sol* e as apresentações do grupo de música afroperuana Negro Mendes.

Os estudantes com quem convivi ao longo do trabalho de campo são de diferentes partes do Peru, principalmente da capital Lima, Arequipa e Trujillo, inseridos principalmente em áreas como Engenharia, Física, Matemática e, em menor proporção nas Artes Cênicas, Química, Biologia, Economia, Direito e Administração, tendo chegado ao Rio entre 1989 e 2012. Entre os que vieram como estudantes de graduação predominam jovens homens oriundos das classes médias, cujos pais trabalham/vam no Peru como profissionais qualificados – advogados, professores universitários, contadores, administradores. Eles chegaram no Rio de Janeiro até início dos anos 2000 e, no momento da pesquisa, já estavam estabelecidos na cidade. Os estudantes de pós-graduação, por sua vez, chegaram ao Rio mais velhos, depois de realizar a graduação no Peru. Muitos deles eram oriundos das classes baixas peruanas, de bairros periféricos de Lima ou cidades do interior, cujos pais desempenhavam atividades de baixa qualificação e remuneração. A presença de mulheres é mais marcante entre os estudantes de pós-graduação, apesar de ainda minoritária. Neste trabalho opto por denominá-los como “estudantes” mesmo depois de formados por eles terem se inserido no fluxo migratório de uma forma qualificada, socialmente valorizada e juridicamente protegida (DANIEL, 2013, p.27).

A mobilidade estudantil de peruanos como uma experiência migratória

Desde os anos 80, a ida de peruanos para o exterior se tornou um fenômeno numericamente expressivo, impulsionada por motivos econômicos e políticos. Naquele período, o país enfrentou uma severa crise política, com a insurgência de grupos políticos armados, e econômica, com o aumento exponencial da inflação e da deterioração das condições de vida. Desde então, os principais destinos escolhidos pelos peruanos que ingressam nas rotas migratórias tem sido Estados Unidos, Espanha, Itália, Argentina e Chile (INEI, 2012). O Brasil não está entre os destinos mais procurado pelos peruanos, mas se tornou uma opção para aqueles que almejam níveis mais elevados de educação por uma série de motivos entre eles: as oportunidades de bolsas estudo e pesquisa que o país oferece também para os estrangeiros, a proximidade geográfica do Brasil com o Peru, a expectativa de que o Brasil seria culturalmente mais parecido com o Peru que outros países, a oportunidade de cursar no Brasil uma carreira ainda não desenvolvida no Peru, a demanda do mercado de trabalho peruano por mais qualificação (DANIEL, 2013, p. 119).

Vivendo num país em que a presença estrangeira faz parte do cotidiano, através, por exemplo, de programas de televisão e cinema, ações de organizações não-governamentais e agências de desenvolvimento, redes de *fast food* e o contato com outros

peruanos que vivem no exterior, os estudantes peruanos que vão para o Rio de Janeiro tem os trânsitos internacionais como uma realidade próxima da sua imaginação (APPADURAI, 1996). Portanto, a decisão de estudar no Rio de Janeiro não se dá num vazio. Ela está inserida num contexto em que os peruanos avaliam as oportunidades e condições - econômicas, sociais e acadêmicas - das quais dispõem dentro e fora do país para preencher suas mais variadas expectativas. No processo de decisão, eles levam em consideração o mercado de trabalho e de diplomas de seu país e percebem que ter um diploma brasileiro pode render mais vantagens do que um peruano. Além disso, alguns estudantes também analisam que não apenas o mercado de trabalho peruano, mas também a sociedade no país valoriza os indivíduos que vivem uma experiência internacional, considerados mais cosmopolitas do que aqueles que nunca estiveram no exterior (DANIEL, 2013, p.134).

Acionando o capital social (Porte, 2000) que dispunham, os jovens peruanos que se inserem no Rio de Janeiro como estudantes encontram na educação superior uma oportunidade de ir para o exterior de forma institucionalmente protegida, socialmente prestigiada e simbolicamente valorizada. O acesso à informação sobre a obtenção de bolsas de estudos e o contato com peruanos que já tinham estudado no Brasil foram grandes estímulos para que eles chegassem à esta decisão.

Alguns deles já tinham pensado em sair do país, como estudantes ou não. Os que pensaram em se tornar emigrantes desistiram da ideia por avaliá-la como muito arriscada. Os que já tinham imaginado sair do país como estudantes não tiveram anteriormente as condições, principalmente econômicas, que tornassem o plano viável. O Brasil se tornou uma opção para estudar quando os jovens tomaram conhecimento das oportunidades de realizar cursos de graduação e pós-graduação no país sem nenhum custo e, no caso da pós-graduação, ainda recebendo bolsas de agências de fomento brasileiras. Tal realidade é muito diferente da pós-graduação no Peru, em que todos os cursos são pagos, grande parte deles pouco prestigiados e com reduzidos investimentos públicos em pesquisa. O Brasil também pareceu um destino mais vantajoso que outros países mais prestigiados, para onde muitos deles gostariam de ir, como Estados Unidos, Espanha, Alemanha e Rússia, que são mais distantes, o custo de vida mais alto e as bolsas de estudos mais concorridas.

A cidade do Rio de Janeiro fascina os estudantes por sua exuberante beleza natural, pelo carnaval e por ser o cenário das telenovelas que os peruanos assistiam antes de sair do país. Mas a cidade também oferece grandes desafios. Antes de chegar, os estudantes construíram uma série de expectativas de como seria sua vida no Rio de Janeiro, a partir das representações de Brasil que tiveram acesso através das novelas, da internet e de amigos. Tais expectativas serviram como base para sua primeira inserção na cidade. Quando chegam aqui, eles precisam lidar com todos os aspectos que entram em jogo quando se vive no exterior: aprender um novo idioma, encontrar um lugar para morar, se adaptar ao sistema de ensino brasileiro, lidar com os hábitos alimentares locais, compreender as formas de sociabilidade de brasileiros e cariocas, aprender a se locomover pela cidade. Ao lidar com as questões de ordem prática na vida cotidiana no Rio de Janeiro, os estudantes percebem que determinados costumes que eles viviam como naturais no Peru, não são compreendidos pelos brasileiros que, por sua vez, têm outros costumes, ou vice-versa.

Entre os diversos costumes que os estudantes peruanos encontram no Rio de Janeiro e que provocam estranheza estão os hábitos alimentares. Um dos hábitos alimentares mais difundidos na cidade é o consumo diário da combinação do arroz branco com feijão preto, principalmente na hora do almoço. Apesar do arroz branco ser a base de muitos pratos peruanos, como o arroz *con pollo*, arroz *chaufa* e o *lomo saltado*², o feijão preto não é um alimento popularmente consumido na vida cotidiana do país. Além disso, um hábito comum nas diferentes partes do Peru é que as refeições são compostas por uma entrada, geralmente uma sopa, um prato principal e uma bebida, muitas vezes um chá. Todos os pratos variam de acordo com o dia da semana. Na cidade de César, doutorando em Engenharia na PUC-Rio, na Serra norte do Peru, o feijão fazia parte do cardápio, mas apenas às segundas-feiras. Já para a doutoranda em Física, Sofia, que cresceu em Trujillo, na costa norte do Peru, o feijão não fazia parte da sua rotina. Para ambos, o hábito carioca de servir arroz branco e feijão preto todos os dias gerava um incômodo, estampado nas refeições do “bandejão”, o restaurante universitário da PUC-Rio, onde César costuma se alimentar, e nas quentinhas, que Sofia compra para se alimentar no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, onde estuda. Enquanto Sofia se acostumou com a combinação carioca, tendo incorporado a mesma na sua vida cotidiana inclusive no Peru, César não. Sofia, inclusive, sente falta do arroz branco com feijão preto quando está no Peru de visita.

É no encontro entre os seus "costumes naturalizados" e os dos brasileiros que os estudantes peruanos se deparam com a possibilidade de viver a mobilidade estudantil como uma experiência migratória. Entendida como "um processo no qual o indivíduo, através do deslocamento geográfico, encontra a possibilidade de circular por outros universos culturais e simbólicos e de lançar um olhar distanciado tanto sobre o país de destino, como do país de origem e sobre si mesmo" (DANIEL, 2013, p. 26), esta noção nos permite analisar a mobilidade estudantil em diálogo com outras modalidades migratórias, a dimensão cultural deste fluxo e as negociações identitárias que ela possibilita. Por meio do ensino superior, a mobilidade estudantil permite que os peruanos cheguem ao Brasil de forma regularizada, com o visto de estudante, e se insiram na sociedade brasileira por intermédio de camadas sociais intelectualizadas. Entre as possibilidades que a mobilidade estudantil abre para os peruanos está a chance de (re)construir novos sentidos de ser peruano/a no Rio de Janeiro.

As representações de *peruanidad* no Rio de Janeiro

A presença peruana no Brasil é caracterizada pela heterogeneidade, como demonstram trabalhos como os de Oliveira (2006, 2008a, 2008b, 2013), Lucena (2008), Dutra (2012) e Santos (2012). Ela inclui homens e mulheres, oriundos de zonas rurais e urbanas, da capital Lima, mas também de outras partes do país, inseridos no Brasil como estudantes universitários, trabalhadores, comerciantes formais e informais, profissionais

² Pratos comumente servidos nas festas peruanas. Os três são pratos típicos da costa do Peru, tendo como base o arroz. O *arroz con pollo* tem como principais ingredientes, além do arroz, ervilha, cenoura e coentro; o *arroz chaufa*, de influência chinesa, molho shoyu, gengibre e cebolinha, já o *lomo saltado*, o arroz branco é servido com batata frita, carne em cubinhos com molho shoyu, tomate e cebola.

liberais, empregadas domésticas (DANIEL, 2013b). A heterogeneidade da população peruana se expressa nas práticas culturais dos peruanos no Brasil: em seus gostos, preferências e formas de socialização no espaço público e privado. No Rio de Janeiro, os diferentes grupos de peruanos organizam práticas culturais por meio das quais se expressam, se apropriando material e simbolicamente do espaço da cidade num processo de reterritorialização (HAESBEART, 2004), como as já mencionadas festas e as partidas de futebol, como as que acontecem durante a Copa Peru-Rio (DANIEL, 2014a).

No dia 24 de julho de 2011, estive presente pela primeira vez num evento público peruano no Rio de Janeiro. Nesta data, aconteceu a *fiestas patrias*, celebração da independência do Peru, ocorrida em 28 de julho de 1821. Naquela ocasião, tive contato com os três elementos fundamentais que acionam nos peruanos no Rio de Janeiro o sentimento de pertencimento à mesma comunidade de origem: a comida, a música e a dança. Tais elementos, no Peru, desempenhavam o importante papel de produzir o que Anderson (2008) denominou como “comunidade imaginada”: a produção de símbolos, imagens, estórias que fundamentam emocionalmente a nação, não apenas como uma unidade política, mas como a reunião de pessoas num mesmo território que, a despeito de suas diferenças, se reconhecem como camaradas. A nação como “comunidade imaginada” tem como base o mito de que todos os indivíduos no interior dela compartilham uma história que, ignorada sua artificialidade, é difundida como irrevogável, ancestral e inevitável, que sustenta o sentimento de nação em oposição, por exemplo, às identidades étnicas.

A festa pela independência do Peru em 2011 aconteceu num casarão antigo de dois andares na Lapa, região central da cidade. Nessa região também vive um grupo de peruanos que se dedica ao comércio ambulante, entre eles, a produtora da festa. O evento foi organizado pela sra. Beni, conhecida por cozinhar comida peruana nos eventos da comunidade. Juntamente com suas irmãs, sobrinho/as e seu/suas respectivo/as companheiro/as, ela se tornou uma referência como cozinheira e organizadora de eventos peruanos no Rio de Janeiro, caracterizados pelos preços populares. Além da festa no dia 24 de julho, durante os domingos do mês de julho, ela e suas sobrinhas frequentam o Aterro do Flamengo para vender comida peruana na Copa Peru-Rio, campeonato de futebol organizado por imigrantes peruanos (DANIEL, 2014a), sendo um dos organizadores o marido de sua sobrinha mais velha.

A festa reuniu um público diversificado de peruanos, inclusive muitos estudantes. Alguns brasileiros - amigos, parceiros ou familiares de peruanos - também estiveram presentes, em proporção significativamente menor. Realizada de forma amadora, o evento acumulou longas filas para a compra de comida e bebida e não ofereceu assentos suficientes para os frequentadores. Por várias vezes, eles se acotovelaram para alcançar uma das cadeiras empilhadas que chegou após o início da festa. Mesmo assim, não houve cadeiras suficientes: muitos tiveram que ficar em pé. O local da festa tinha pouca incidência de luz e estava em precário estado de conservação, com as paredes em tijolo bruto e o piso branco e preto desgastado e encardido. A decoração, com bandeiras do Peru e balões rubro e branco, cores que simbolizam o país, a trilha sonora, a animação dos presentes e o perfume da comida sendo preparada amenizavam o cenário. Diversos ritmos latino-americanas em espanhol sonorizaram a festa como: a salsa, o *vals*, estilo de valsa peruana, a *cumbia* e a

chicha. Uma das atrações da festa foi a participação do grupo *Sayari Danzas* peruanas, grupo de dança folclórica peruana composto majoritariamente por estudantes. Em 2011, o grupo apresentou três números de dança: um *vals*, a *valicha* e um *tondero*³.

Os peruanos que chegaram no Rio de Janeiro como estudantes – muitos deles estabelecidos como residentes na cidade depois de formados – desempenham um protagonismo na organização de eventos que representam a *peruanidad* no espaço público carioca. Um dos motivos que explica o protagonismo de estudantes no espaço público no Rio de Janeiro é o fato de alguns deles terem vindo para a cidade cursar a graduação em diferentes campos artísticos e, depois de formados, atuam profissionalmente em seus campos de formação. Entre eles estão os atores Edison Mego e Rosana Reátegui, formados pela UNIRIO e o músico Sérgio Valdeos, formado pela UFRJ. Além de residirem no Rio de Janeiro depois de formados, os três incluem elementos peruanos⁴ e de sua experiência migratória em alguns de seus trabalhos artísticos.

Atuando no campo artístico da cidade, Edison, Rosana e Sérgio conciliam seus projetos profissionais com sua participação em eventos gratuitos organizados pela comunidade peruana. Um deles foi o “Peruanidades: uma tarde de cultura peruana em Santa⁵”, evento autogestado por peruanos, muitos deles estudantes, sem fins lucrativos realizado em Santa Teresa em 2013. O evento teve a apresentação do grupo “Os tapetes contadores de história”, do qual Edison e Rosana fazem parte, e de Sérgio Valdeos, tocando um repertório tradicional peruano. Além deles, a programação do evento contou também com a venda de comida pela senhora Beni e sua família, a apresentação de danças folclóricas peruanas pelo Grupo Sayari e de danças afrolatinas, pelo grupo Aguasalá, e de música afroperuana e *criolla*, pelo Grupo Negro Mendes, do qual Edison também é integrante.

Entre os diferentes eventos dos quais os estudantes peruanos no Rio de Janeiro participam, grande parte deles tem como foco um dos três elementos diacríticos da *peruanidad* no Rio de Janeiro – a comida, a música e a dança –, quando não os três, como ocorrido na celebração da Independência de 2011 e o evento Peruanidades, em 2013. A partir da representação e da performance do que é “ser peruano”, estes eventos desempenham – intencionalmente ou não – um duplo papel: 1) o de (re)elaborar uma *peruanidad* como uma identidade étnica; 2) divulgar uma imagem positiva do Peru e dos peruanos que dá sentido ao “ser peruano” no Brasil, desafiando os estereótipos que pesam sobre eles no Rio de Janeiro⁶.

³ O *vals* é a valsa peruana. Inspirada na valsa vienense, o *vals* é dançada em casal, que mantém a postura ereta e quanto deslizam os pés pelo salão, porém sempre mexendo os quadris na cadência da música. A *Valicha* é uma canção de estilo *huayno*, típica da Serra do Peru, de origem indígena. O *tondero* é uma dança de origem camponesa da costa norte do Peru que mistura influências ciganas, africanas e indígenas.

⁴ No caso de Edison e Rosana, que são atores, a presença peruana em seu trabalho artístico é nítida no sotaque e também na inclusão de histórias peruanas no repertório do seu grupo. Sobre o sotaque, discutiremos o tema mais adiante.

⁵ <https://www.facebook.com/events/421094674667271/?ref=14>. Acessado em: 29/09/2017.

⁶ Sobre a representação da presença peruana no Rio de Janeiro nos meios de comunicação virtuais ver Daniel e Carvalho (2015).

Os estudantes reconhecem que a sociedade peruana é marcada por tensões, baseada numa combinação entre raça, classe, gênero, etnia e região de origem e orientação sexual, e outros aspectos. Por exemplo, um tema de conversa recorrente dos peruanos comigo era sobre o racismo no Peru e sua reprodução entre os peruanos no Rio de Janeiro. Para eles, os mais afetados pelo racismo tanto no Peru quanto na comunidade peruana no exterior são as pessoas que somam: um fenótipo indígena, são oriundas da Serra, vivem na zona rural, falam línguas originárias, possuem nível de escolaridade baixo e desempenham atividades laborais pouco qualificadas, denominadas de maneira deletéria como *cholos*. Eu sempre me questioneei se o fato do racismo ser um tema recorrente nas conversas dos peruanos comigo se devia ao fato da minha posicionalidade entre eles como pesquisadora ou negra, ou pela combinação das duas posições.

No Rio de Janeiro, as clivagens entre os peruanos não desaparecem, porém não são transportadas de maneira automática ou irrefletida do Peru para o Brasil. No contexto migratório, as tensões da sociedade peruana passam por um processo de ressignificação que abre um espaço para sua relativização, em alguns momentos, e seu reforço, em outros. Num contexto em que tanto a educação superior quanto as viagens internacionais são socialmente valorizadas⁷, os estudantes peruanos no Rio de Janeiro se destacam. Sua inserção no Brasil se dá por meio da universidade, espaço de produção de conhecimento e de poder, possibilitando o aumento do seu nível de escolaridade e qualificação. Por outro lado, sua saída do Peru foi protegida pela institucionalidade da universidade, que, além do ensino gratuito, permitiu o acesso ao visto de estudante e às classes intelectualizadas brasileiras. Portanto, os estudantes ocupam um lugar privilegiado na hierarquia social dos peruanos no Rio de Janeiro. Em muitos casos, os estudantes preferem evitar se relacionar com os imigrantes peruanos - como os vendedores ambulantes -, considerando que a diferença de classe inviabiliza a afinidade entre eles e que o trabalho ambulante contribui para a representação negativa dos peruanos no Rio de Janeiro.

Os eventos pela independência do Peru e o Peruanidades são exemplos de momentos em que as divergências entre os peruanos foram momentaneamente colocadas em suspenso, em prol do objetivo comum de celebrar o país de origem e, assim, reconhecer-se como peruano. Um aspecto importante a ser considerado nesse momento de suspensão das divergências para a (re)afirmação da *peruanidad* como uma identidade étnica é o estranhamento dos estudantes ao se deparar com a dificuldade para encontrar referências peruanas no Rio de Janeiro. Por exemplo, na cidade não são vendidos vários dos ingredientes necessários para preparar grande parte dos pratos peruanos, como a pimenta *ají amarillo*. Também não há espaços públicos de socialização onde seja possível ouvir e dançar ritmos peruanos, com exceção dos eventos organizados por eles mesmos. Tal estranhamento produz em muitos o sentimento de que, no Rio de Janeiro, eles estão deslocados, fora do lugar ao qual acreditam pertencer. Assim, se reunir com outros peruanos oferece uma oportunidade de se sentir em casa fora de casa.

⁷ Como exemplo da valorização que ir para o exterior entre os jovens peruanos, em 2010, mais de 60% dos alunos de graduação cogitavam sair do país depois de terminar os estudos (II CENAUN apud DANIEL, 2013, p. 136).

Peruanos sim, iguais não: peruanidades negociadas

A celebração da Independência de 2011 foi um evento que reuniu peruanos de diferentes classes e regiões sob a insígnia de uma pátria em comum, que os uniu em suas diferenças - ainda que momentaneamente. No entanto, em 2012, a união na celebração da independência do Peru foi rompida. Outro peruano, que chegou no Rio de Janeiro como estudante, organizou uma festa pela Independência do Peru no mesmo dia e horário que a tradicional festa da Sra. Beni. As duas festas aconteceram no centro do Rio: a da sra. Beni na Lapa, como no ano anterior, e a do Dj Rayado⁸, na região da Praça XV. As duas festas tiveram comida, música e dança, inclusive com a participação do grupo Sayari. Aquele foi o ano que, pela primeira vez, eu participei das *fiestas patrias* não apenas como uma espectadora, mas também como dançarina do grupo. Minhas primeiras apresentações públicas foram nas duas festas de 2012. Primeiramente, eu e outro companheiro do grupo começamos as comemorações pela independência do Peru apresentando um *tondero* na festa da Sra. Beni. Em seguida, nos dirigimos para a festa do Dj. Rayado aonde eu, meu parceiro de dança e os outros integrantes do grupo nos dividimos para apresentar um *tondero*, dois festejos, um *vals* e o poema “Me gritaron negra”, de Victoria Santa Cruz⁹.

As festas de independências tiveram um público bastante diversificado, trazendo à tona parte das tensões da comunidade peruana no Rio de Janeiro. Na festa da Sra. Beni o público foi principalmente imigrantes que trabalham como vendedores ambulantes, muitos deles residentes do entorno da Lapa e que participam do círculo de amizade da sra. Beni e seus familiares. Já a festa organizada pelo Dj Rayado teve como público peruanos inseridos na classe média, entre eles estudantes, e brasileiros que convivem com eles. Uma questão interessante de notar entre as festas da sra. Beni e do Dj Rayado é que, apesar das duas terem como atração a música, a comida e a dança, a trilha sonora das duas festas não foi exatamente a mesma. Alguns ritmos latino-americanos, como a salsa e merengue estiveram presentes nas duas festas. No entanto, um estilo musical sempre presente na festa da sra. Beni que tem muito a dizer sobre os dois círculos sociais, mas nunca foi tocado na festa do Dj Rayado: *a chicha*.

A *chicha* é um ritmo peruano muito difundido nas classes populares, entre os migrantes da serra e da selva que vivem na periferia de Lima. Criada nos anos 80, ela fusiona o *huayno*, ritmo tradicional da serra do país, com elementos da *cumbia* colombiana e estilos musicais cubanos. Expressão da inventividade dos migrantes internos, a *chicha*, seus produtores e ouvintes são estigmatizados pelas classes médias e altas e pela cultura hegemônica de Lima. Apesar disso, eles formam um mercado musical próprio que produz e consome *chicha*, mas encontra dificuldade de penetrar os meios de comunicação tradicionais (BAILÓN, 2004). A presença da *chicha* nas festas da sra. Beni está associada ao gosto que ela, sua família e amigos próximos tem pelo ritmo. Muitos deles viviam nas

⁸ O dj Rayado veio para o Rio de Janeiro como estudante em 2000, onde cursou Comunicação Social na Universidade Federal Fluminense.

⁹ Sobre a apresentação do grupo Sayari na festa de independência organizada pela Dj. Rayado ver autor (2015).

periferias de Lima, como migrantes de primeira ou segunda geração antes de desembarcar no Rio de Janeiro. Recordando-nos que os gostos são socialmente construídos, revelando nosso habitus (BOURDIEU, 1989), podemos concluir que o gosto pela chicha nos informa o lugar que a sra. Beni e seus amigos ocupam na hierarquia social peruana no Peru e no Rio de Janeiro.

A realização de duas festas de independência do Peru no mesmo dia e horário no Rio de Janeiro, cidade que abriga uma pequena população peruana¹⁰, traz à tona as cisões e as incomunicabilidades entre os peruanos. A tentativa de construção de uma identidade étnica baseada na origem nacional comum na experiência migratória não apaga as relações de poder nas quais os peruanos estão inseridos no Peru e no Brasil, sendo a classe apenas uma delas. Assim, a presença da chicha na festa da sra. Beni e sua ausência na festa do Dj Rayado e dos espaços culturais hegemônicos do Peru evidenciam os silenciamentos de determinadas expressões culturais na construção de uma identidade peruana.

No ano de 2013, o Dj Rayado e a sra. Beni entraram num acordo sobre como organizar as festas de independência. Os dois continuaram a realizar festas separadas. A diferença de 2013 foi que a sra. Beni realizou sua festa no horário da tarde e o Dj Rayado fez a dele à noite, evitando assim o conflito de horários. Desta maneira, os dois produtores culturais não iriam competir pelo público interessado em celebrar a independência do Peru. O público, por sua vez, teria a oportunidade de escolher ir à festa com a que mais se identifica ou, ainda, frequentar as duas.

Da porta para fora: os paradoxos da cordialidade brasileira

Se, por um lado, a organização de eventos peruanos no Rio de Janeiro desempenha um importante papel para a construção de identidades entre os peruanos na cidade, a relação com a sociedade brasileira também ocupa um lugar de destaque na percepção dos estudantes peruanos sobre si. Como Sayad nos lembra (1998), toda imigração é também uma emigração, ou seja, nos processos migratórios sempre há, pelo menos, duas sociedades envolvidas: a sociedade de origem e a de destino. Assim, os brasileiros se tornam atores sociais importantes por meio dos quais os estudantes encontrarão a oportunidade de se (re)pensar como indivíduos na experiência migratória.

Os estudantes compartilham da percepção de que os peruanos, em geral, são pessoas fechadas e reservadas, principalmente quando estão entre desconhecidos. Quando comparam com os cariocas, eles analisam que os peruanos falam menos e mais baixo, são mais tímidos e discretos, principalmente os oriundos dos Andes. Os cariocas, por sua vez, são representados como descontraídos, simpáticos e falantes. A informalidade dos cariocas também surpreende: os peruanos estão acostumados a chamar as pessoas mais velhas de “senhor” e “senhora”, seus professores pelo sobrenome e vestir roupa social para assistir

¹⁰De acordo com dados do Consulado Geral do Peru no Rio de Janeiro, nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, residem cerca de 5000 peruanos (consulta via correio eletrônico, 2015).

aula, conta Tomás¹¹. O jovem explica que as hierarquias na vida social peruana são muito importantes e, por isso, elas são respeitadas no espaço público e privado. É por isso que os peruanos estranham que no Rio quase todos se tratarem como “você”, inclusive alunos e professores, e que muitos alunos assistam aula de bermuda e chinelo.

Todos os estudantes afirmam ter uma boa relação com os brasileiros no Rio de Janeiro, os quais, em geral, se mostram solícitos e dispostos a ajudá-los, por exemplo, quando eles pedem informações na rua. Na pesquisa que realizou com estudantes de doutorado brasileiros nos EUA e na Europa, Rezende (2009) observou que entre os estereótipos que as sociedades locais atribuem aos brasileiros está o de que o brasileiro é um ‘povo afetivo’: avesso a formalismo e afeito à espontaneidade. Esta afetividade ‘tipicamente’ brasileira faria dele uma pessoa aberta, calorosa e propensa a fazer amigos. Por isso, os estudantes brasileiros acreditam que uma parte fundamental no seu processo de integração à sociedade local onde foram estudar é fazer amigos nativos.

Os estudantes peruanos concordam que, no Rio de Janeiro, os estrangeiros não são alvo de discriminações: eles são bem recebidos e bem tratados. Enquanto reconhecem nos cariocas uma disposição em tratar bem os estrangeiros, os estudantes também percebem neles uma peculiaridade. Ainda que sejam geralmente muito simpáticos e corteses, não é uma tarefa fácil fazer amigos cariocas. Os estudantes peruanos analisam que, ao mesmo tempo em que são amigáveis, os cariocas se fecham em seus grupos de afinidades e relutam em convidá-los a participar deles. Walter¹² reflete que esta é uma característica principalmente dos brasileiros das classes mais altas, que têm mais resistência em se aproximar dos estrangeiros. Tal avaliação se coaduna com a percepção que Guadalupe¹³ tem das suas colegas brasileiras. Apesar de sempre dizer que ela precisa provar a comida brasileira feita pelas famílias em casa, nunca tomam a iniciativa de convidá-la para ir às suas próprias casas. Guadalupe chega à conclusão de que os brasileiros são simpáticos e alegres, mas seletivos quando a questão é fazer amizades mais íntimas. Para ela, está óbvio que suas colegas de universidade não querem ter uma relação mais profunda com ela.

Ele (o brasileiro) não se mistura. Ele faz faculdade, faz mestrado com você (...), mas ele não chega a se misturar muito - os brasileiros que eu tô conhecendo, de classe alta; brasileiros de classe baixa, eu não sei muito...
(Guadalupe)

Daniel¹⁴, que fez seu mestrado no Rio Grande do Sul, também acredita os cariocas apresentam uma resistência para ter uma relação mais íntima com os estrangeiros. Comparando com os gaúchos, ele observa que os cariocas são muito simpáticos e receptivos

¹¹ Tomás é engenheiro e chegou ao Rio de Janeiro em 2005 para realizar o mestrado na UFRJ.

¹² Water é engenheiro. Veio para o Rio de Janeiro fazer o mestrado na PUC-RJ.

¹³ A geóloga Guadalupe chegou em 2011 para cursar o mestrado na PUC-RJ.

¹⁴ Daniel chegou ao Rio de Janeiro em 1996 para realizar a graduação na Universidade Gama Filho.

“da porta para fora”: eles são simpáticos com os estrangeiros, mas evitam ter um contato mais íntimo, como convidá-los para ir à sua casa ou conhecer sua família. Já os gaúchos não são tão receptivos quanto os cariocas à primeira vista, mas estão dispostos a fazer amizades mais duradouras.

Agora, posso ver uma diferença (...) de estado para estado. Aqui são super receptivos, mas da porta da fora. Mas no Rio Grande do Sul, não são tão receptivos quanto aqui. Mas se você conhece a pessoa, ela te apresenta o pai, a mãe, te leva pra almoçar, pra jantar... A intimidade é maior... No Rio (de Janeiro) tem menos intimidade. Você tem que conhecer muito a pessoa! Eu conheci quase a mesma quantidade de pessoas e suas famílias no Rio e no Rio Grande do Sul em 2 anos e eu moro aqui há mais de 15 anos. (Daniel)

Assim, Daniel descobriu a ideia difundida inclusive entre muitos estudantes peruanos de que todos os brasileiros seriam como os cariocas. A partir de sua experiência no Rio Grande do Sul, ele relativiza a generalização, reconhecendo particularidades no comportamento de cariocas e gaúchos. A dificuldade de construir uma relação mais profunda com os cariocas é agravada quando o estudante ainda não fala português. Não dominar o idioma intimida muitos peruanos a se aproximar de brasileiros. Além disso, como grande parte dos estudantes decide vir para o Rio de Janeiro a convite de um amigo peruano, quando chegam, eles se integram às redes de relações desse amigo, que geralmente é composta quase que exclusivamente por conterrâneos. Por isso, alguns estudantes, mesmo depois de muitos anos morando no Rio de Janeiro, conhecem poucos brasileiros ou mantêm uma relação de pouca intimidade com os que conhecem.

Alguns estudantes julgam que, muitas vezes, esta distância entre brasileiros e peruanos tem uma contribuição também por parte dos últimos. Os que compartilham desta percepção concluem que muitos peruanos se mantêm fechados: com uma postura de desconfiança, preferem estar com os amigos peruanos, principalmente se eles já se conhecem do Peru. Muitos deles não se esforçam para aprender português ou interagir com os brasileiros. Adquirir o domínio da língua portuguesa é um elemento fundamental no processo de interação dos estudantes peruanos com os brasileiros. E, como um ciclo que se retroalimenta, os estudantes que conseguem se comunicar em português têm mais possibilidades de interagir com brasileiros e nesta interação, eles adquirem mais fluência na língua.

Entretanto, a simpatia e a descontração dos cariocas escamoteiam formas de discriminações sutis aos estrangeiros. Apesar de quase todos os estudantes responderem “não” à pergunta “no Brasil, o estrangeiro é discriminado?”, muitos relatam casos em que um estrangeiro recebeu um tratamento depreciativo de um brasileiro. Este tipo de tratamento é disfarçado e geralmente se torna mais explícito em ambientes de disputa, como o mercado de trabalho, quando o estrangeiro acessa serviços públicos como a

universidade, ou ainda quando o estrangeiro reclama de algum aspecto do Brasil. Rubén¹⁵ explica que, em geral, os cariocas tratam bem os estrangeiros, porém não todos:

Tem um ou outro ignorantón que solta essas frases, tipo: "que o estrangeiro, que está roubando nosso trabalho, que se aproveitam"... Por exemplo, se você reclama por algo, e alguém corta sua onda, por exemplo "volta pro seu país¹⁶!" (Rubén).

Renato¹⁷ aponta para uma questão fundamental na inserção do estrangeiro na sociedade brasileira. Por mais simpáticos e receptivos que sejam os cariocas, em momentos de confronto eles acionam a lógica que estrutura as leis brasileiras, que é a de que os estrangeiros têm direitos limitados¹⁸: eles têm direitos civis, mas não direitos políticos. Por isso, a sociedade brasileira entende que os estrangeiros não podem reclamar ou expressar uma visão crítica do Brasil e dos brasileiros, mesmo se vivem no país há muitos anos.

A ideia de que o estrangeiro não deve reclamar de nenhum aspecto da sociedade receptora não é exclusividade do Brasil, mas, segundo Sayad (1998; 1999), esta é a lógica que estrutura os Estados nacionais. Do não-nacional é exigido polidez e obediência às regras estabelecidas. Como uma visita na casa de um estranho, ele deve se portar com discrição e ser grato pela disposição do anfitrião - o cidadão nacional - em recebê-lo. Por isso, o não-nacional nunca é pensando como um ser político, mas como um indivíduo que, pela generosidade do anfitrião, recebeu dele o favor de morar no país estrangeiro. A polidez exigida do não-nacional o reduz a uma posição de neutralidade que o torna moralmente obrigado a portar-se como apolítico, como um bom convidado que não se envolve nos assuntos dos 'donos da casa' (SAYAD, 1998, p.67).

Como convidados, os estrangeiros são repreendidos quando acessam recursos que os brasileiros entendem como exclusivos aos nacionais. Neste caso, o estrangeiro deixa de ser visto como o convidado generosamente recebido para se tornar aquele que ameaça o bem-estar da sociedade nacional. Blanchette (2001) comenta que o tratamento do estrangeiro como uma ameaça é comum mesmo entre as camadas intelectualizadas brasileiras, lembrando casos em que seus colegas brasileiros de pós-graduação questionaram por quê ele, um norte-americano, tinha direito a receber uma bolsa das agências de fomento brasileiras. Apesar de fugir do escopo desse trabalho, cabe ressaltar que os estrangeiros estão sujeitos a diferentes formas de discriminação de acordo com sua origem nacional e a posição de seu país no capitalismo global – um norte-americano, muito provavelmente não sofrerá os mesmos tipos de discriminação que um peruano -; sua raça –

¹⁵ Rubén veio para o Rio de Janeiro cursar a graduação em Engenharia mecânica na UFRJ.

¹⁶ Tradução da autora.

¹⁷ Renato chegou no Rio de Janeiro em 2006 onde cursou a graduação em Direito na UERJ.

¹⁸ Renato se refere ao Estatuto do Estrangeiro, de 1980, que regulou a imigração no Brasil até 2017.

um peruano branco tem mais chance de “se passar” por brasileiro que um peruano com fenótipo indígena -; classe, gênero, orientação sexual.

A sutileza dessas formas de discriminação reside na dificuldade em observá-las na vida cotidiana carioca. Reconhecer as formas de discriminações às quais os estrangeiros estão sujeitos no Rio de Janeiro exige dos estudantes a perspicácia de compreender os cariocas para além do trato superficial cotidiano, ou seja, além do que um turista pode ver. Ao contrário de um turista, que fica na cidade pouco tempo e está a passeio, os estudantes vivem na cidade e é, ao longo desse período, que eles acreditam desenvolver um olhar mais crítico sobre a cidade e as relações dos cariocas com os estrangeiros. Ou seja, a capacidade de crítica exigiria tempo para ser desenvolvida. Na entrevista que fiz com Guadalupe e Augusto, ela fazia duras críticas ao Rio de Janeiro, principalmente à discriminação aos pobres, enquanto Augusto¹⁹, que havia chegado no Rio há 4 meses, não percebia as críticas que fazia sua amiga. Guadalupe explicou que, com o tempo, Augusto entenderá sua opinião, pois ela mesma só começou a entender o Rio de Janeiro mais profundamente depois de passados alguns meses na cidade.

O sotaque como direito: a relação com os brasileiros e os limites da assimilação

Como discutimos anteriormente, muitos dos entrevistados acreditam que adquirir o domínio da língua portuguesa é um elemento fundamental para se integrar à sociedade brasileira. Rubén reflete que os peruanos que interagem com cariocas, aprendem português e são mais comunicativos conseguem ter uma relação próxima com os brasileiros. Renato concorda com o amigo e reforça que quanto mais aberto aos brasileiros, quanto mais domínio de português o peruano tiver, menos os brasileiros perceberão que ele é um estrangeiro. À pergunta: “você se sente um estrangeiro?”, Rubén e Renato responderam:

Rubén: depende...Depende...Digo que depende do seu nível de sociabilidade;

Rubén: de aclimatação ou de alienação (...) à cultura: quanto mais brasileiro pareça, mais brasileiro vão te tratar. No meu trabalho, por exemplo, como eu sou um peruano um pouco mais comunicativo com os outros, (...) consigo me relacionar assim mais tranquilamente com os outros brasileiros. Vejo que o tratamento é diferente, por exemplo, com os outros peruanos que também trabalham na empresa, mas que são um pouco diferentes: que não falam muito, são mais tímidos, mais calados...

Renato: Sim.. As gírias... Quando começam a se comunicar como eles (brasileiros), já não se dão conta que é um estrangeiro²⁰.

¹⁹ O geólogo Augusto veio para o Rio de Janeiro em 2012 para realizar o mestrado na PUC-RJ.

²⁰ tradução da autora.

Rubén e Renato esclarecem que o domínio do português, incluindo o uso de gírias, tem um papel fundamental no processo de adaptação dos peruanos à sociedade local, permitindo que eles pareçam o mais brasileiro possível. E como analisa Rubén, quanto mais brasileiro o peruano parecer, mais brasileiro ele será tratado. Conseqüentemente, menos estrangeiro ele se sentirá. Os dois estudantes explicitam que, na sua percepção, adaptar-se à sociedade brasileira envolve assimilar as formas de comportamento brasileiras e afastar-se das peruanas. Entretanto, mesmo se reconhecendo como bem integrado à vida social, depois de já ter sido casado com uma brasileira e ter filhos nascidos aqui, Rubén analisa que não está isento de receber um tratamento diferenciado por ser reconhecido como estrangeiro. Diferentemente de outros peruanos que, pelo fenótipo indígena, são reconhecidos como estrangeiros pelos brasileiros, Rubén não é identificado como peruano pelas suas características físicas. No entanto, ele é reconhecido como tal pelo sotaque.

Por mais que socialize com brasileiros e seja mais falante que outros peruanos, Rubén se depara com os limites entre o ser e parecer um brasileiro, sendo o sotaque um importante demarcador da fronteira. Consciente das implicações que ser um estrangeiro envolve, Oscar investiu em desconstruir esta fronteira. Tendo chegado ao Brasil em 1989 para cursar a graduação, ele acredita que o sotaque é uma marca que, como um estigma, distingue os estrangeiros dos brasileiros. Nessa distinção, o estrangeiro sempre recebe um tratamento diferenciado - melhor ou pior – que o de um brasileiro. Para evitar que isso, Oscar percebeu que precisaria parecer brasileiro, e falar português fluentemente e com pouco sotaque era fundamental. Oscar chegou a fazer tratamento fonoaudiológico para suavizar o sotaque e não ser denunciado como estrangeiro pela forma de falar. Por outro lado, Sofia²¹ não teve dificuldades para se adaptar à sociedade brasileira e se sentir à vontade, mas se incomoda de ser sempre lembrada de que é estrangeira, mesmo já morando aqui há dez anos:

...de qualquer jeito, por mais que você se adapte, você não é, você nunca chegará a ser brasileira. Então você sempre vai ser uma estrangeira aqui. Isso é o difícil. Por exemplo, às vezes, quando eu saio prum lugar e pergunto ou entro num táxi pra ir pra um lugar, já me perguntam: “de onde você é?” Porque eles pegam pelo sotaque. Aí que eu me sinto estrangeira. Eles conseguem perceber. Isso é um pouco difícil, porque, quando você vai pro Peru, você não sente. Você é peruana. Não tem essa coisa de ser sempre uma estranha (Sofia).

Sofia fala português fluentemente e seu sotaque é bem discreto, mas, ainda assim, ela é reconhecida com estrangeira no dia a dia da cidade. Nos momentos em que é perguntada sobre seu país de origem, Sofia é lembrada de que não é brasileira, o que, para ela, significa sempre ser uma estranha. É esta sensação que caracteriza e reproduz a distância entre “ser brasileiro” e “parecer brasileiro”. Muito provavelmente, quando um

²¹ A física Sofia chegou ao Rio em 2006 para realizar o mestrado no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas.

brasileiro embarca num táxi, o motorista não pergunta de onde ele é. E era esse tipo de tratamento que Sofia também gostaria de receber. Sayad nos lembra que a oposição entre nacionais e estrangeiros não é natural, mas naturalizada; arbitrária e convencional, ela se pretende irrevogável ao ser desistoricizada no seio do Estado (Sayad, 1998; 1999). Tal oposição entende o nacional como aquele que segue a ordem “natural” das coisas: ele permanece no lugar onde nasceu e que lhe garante a nacionalidade. O estrangeiro, ao contrário, escapa dessa ordem lógica: ele deixou o lugar onde nasceu para viver em outro onde não possui a nacionalidade (SAYAD, 1998, p. 57).

Apesar dos esforços que fez para falar português sem sotaque, Oscar não considera isso fundamental na sua relação com a sociedade brasileira hoje. Para ele, a atitude de se assimilar foi importante para se sentir integrado e obter êxito na sua carreira profissional. No seu processo de adaptação à sociedade brasileira, Oscar optou por se afastar dos peruanos, por não se identificar com alguns deles e também por considerar importante conhecer o Brasil da maneira mais profunda possível. Oscar, que é de Iquitos, cidade na região da Amazônia peruana, não se sentia à vontade na companhia dos peruanos de Lima, percebendo neles uma postura de desdém em relação aos peruanos de outras regiões que não a capital.

Apesar de estar no Brasil desde 1989, foi apenas em 2010 que Oscar começou a se envolver mais frequentemente com outros peruanos no Rio de Janeiro, participando ativamente de festas e eventos públicos. Hoje, ele preza por cultivar hábitos peruanos e não se incomoda em deixar seu sotaque florescer. Quando nos conhecemos, em junho de 2011, Oscar dava seus primeiros passos na vida pública peruana, assim como eu. Quando fomos apresentados, eu não consegui identificar se ele era peruano ou não, pelo seu sotaque carioca. Depois de tantos anos no Brasil, Oscar se considera parte do Brasil e, por isso, se sente no direito de falar português com sotaque:

Eu me forcei a vida inteira pra falar fluentemente português... assim, o mesmo direito que o baiano tem de falar com o sotaque dele (eu também tenho).. Chegou o momento de assumir isso daí... (Oscar)

Oscar está estabelecido na cidade. Casado com uma brasileira, com quem tem dois filhos e se estabeleceu na carreira, ele sente que pode “assumir o lado peruano” sem temor.

Hoje em dia eu me permito ser peruano. Não porque antes eu não me permitia isso. Mas antes eu tinha primeiro que provar que eu era capaz de tudo, podia fazer tudo e não podia ter questionada a minha qualidade, a minha eficiência por ser estrangeiro. Hoje em dia eu não preciso provar pra mais ninguém! Hoje em dia, eu falo português com fluência, porque eu quero. (...) Se eu quiser, eu falo do meu jeito (Oscar).

A percepção de Oscar sobre a importância de ter sido capaz de se assimilar à sociedade brasileira a ponto de falar o idioma local sem sotaque para ter suas habilidades reconhecidas está intimamente relacionada com a avaliação que Daniel, Rubén e Renato fazem sobre o tratamento diferenciado que estrangeiros recebem em situações de disputa, como no mercado de trabalho. Todos eles percebem que os brasileiros olham com temeridade o sucesso de estrangeiros no mercado de trabalho nacional, sendo acusados de roubarem o emprego de um brasileiro.

Douglas²², por outro lado, não se incomoda de ter sotaque. Ele reconhece que, pelo sotaque, sempre será reconhecido como estrangeiro, o que não considera um problema. Ao contrário: ele avalia que o sotaque faz parte de sua identidade, que tem como uma de suas características o fato de não ser brasileiro, ou seja, não compartilhar as referências – músicas, programas de televisão, danças – que os brasileiros compartilharam ao longo de suas vidas. Por isso, ele não pretende se esforçar para falar como brasileiro:

O sotaque, não faço questão de mudar. Sempre eu vou ser chamado de estrangeiro. Eu quero manter minha identidade. Eu quero falar do meu jeito! Esse é meu jeito mesmo. Tem que aceitar do jeito que eu sou. (...) Eu também não me esforço pra me tornar assim tão brasileiro (Douglas).

Nos casos de Rubén, Oscar e Sofia, o sotaque é o principal elemento que mantém a fronteira entre eles e os brasileiros. No entanto, outros peruanos são percebidos como estrangeiros mesmo antes dos brasileiros ouvirem seu sotaque. Neste grupo estão os peruanos que carregam no corpo um conjunto de traços indígenas, como olhos pequenos, cabelo preto liso, baixa estatura e pele marrom. Para eles, as chances de se parecer brasileiro é limitada pelo seu próprio corpo, já que, no Rio de Janeiro, pessoas que detêm tal fenótipo não são imaginadas como brasileiras.

Considerações Finais

Sabemos que é parte de qualquer afirmação de identidade a relação com a diferença, com o “outro” (HALL, 2006), sendo a diferença um elemento constitutivo das identidades individuais e coletivas. Assim são erigidas as “fronteiras simbólicas” e “fronteiras culturais” (VELHO, 1987) que, através da escolha de determinados sinais diacríticos (BARTH, 2000), demarcam o grupo migrante e seus descendentes, distinguindo-o da sociedade abrangente. Praticadas no Rio de Janeiro, a comida, a dança e a música peruana se transformam em elementos diacríticos que balizam a construção da *peruanidad* como uma

²² Douglas chegou no Rio em 2006 para realizar o mestrado na PUC-RJ.

identidade étnica em relação à identidade nacional brasileira, ambas imaginadas e representadas pelos peruanos na sua experiência migratória. Inseridos no contexto da globalização e empreendendo um tipo específico de movimento migratório, os estudantes peruanos participam do fluxo global de pessoas que desestabiliza as identidades unificadas e centralizadas que deram sentido à modernidade, entre elas, a identidade nacional, neste caso, a brasileira. Por outro lado, os estudantes ocupam também um papel de destaque na produção da representação que dá sentido à identidade peruana no Rio de Janeiro. Utilizando os recursos que dispõem nas suas redes de relações e de suas formações acadêmicas, eles ocupam o espaço público por meio de eventos que contribuem para definir consensos que permitam os peruanos no Rio de Janeiro a se reconhecer como tais, a despeito de suas diferenças.

Como nos lembra Hall (2006), as identidades nacionais têm como princípio a ideia de unidade, submersas em relações de poder e sujeitas a contradições internas que não são capazes de subordinar todas as formas de identificações possíveis. Spivak (2009) nos alerta que nenhum país conseguiu alcançar a homogeneidade cultural que tanto o projeto do Estado-nação almejou. A suposição de que um Estado, uma unidade administrativa e política, corresponde a uma nação (uma cultura, uma língua e um povo) é uma fórmula falaciosa, que esconde as diferenças das sociedades que são levadas a conviver desigualmente. A imaginada unidade da nação esconde uma relação assimétrica entre a cultura nacional dominante e as demais culturas que, apesar de também comporem a nação, não são reconhecidas como tais (SILVA, 2000). Cabe ressaltar que as identidades são constituídas em dinâmicas relacionais, no contato entre o “eu” e o “outro”. O que faz *peruanidad* se transformar de identidade nacional, no Peru, em identidade étnica, no Brasil, é o caráter situacional das identidades não apenas entre indivíduos, mas também entre países. No Brasil, os peruanos, inclusive os estudantes, se tornam o “outro” dos brasileiros, o estranho que busca seu lugar no mundo.

Artigo recebido em 21 jul. 2017

Aprovado para publicação em 10 set. 2017

Referências:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*: Editora Companhia das Letras, 2008.

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*, Minneapolis and London: University of Minnesota press, 1996.

BAILÓN, Jaime. La chicha no muere ni se destruye, sólo se transforma. *Iconos: Revista de Ciencias Sociales*, n. 18, 2004, p. 53-62.

BARTH, Fredrik. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

BLANCHETE, Thaddeus. *Gringos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: *O poder simbólico*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.

DANIEL, Camila; CARVALHO, Jéssica A. Meios de comunicação virtuais e Imigração: uma análise da representação da imigração peruana no Brasil. Trabalho apresentado no II Colóquio Internacional Comunicación, poder y cultura en América Latina. Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México - México.

DANIEL, Camila. O “folclórico” das danzas folklóricas: a dança como espaço de (re) afirmação de identidade entre peruanos no Rio de Janeiro. In: *Religiosidade e Performance*, 2015.

_____. Territorialidades migrantes: um estudo antropológico sobre a Copa Peru-Rio. *Revista Percursos*, v. 15, 2014a, p. 120-138.

_____. As relações de gênero na *experiência migratória* de peruano/as no Rio de Janeiro. *Ambivalências*, v. 1, 2014b, p. 29-45.

_____. Novas rotas na migração Sul-Sul: o caso dos peruanos no Brasil. *Travessia*, ano 26, n. 73, 2013b, p. 31-40.

_____. *P’a crescer en la vida: a experiência migratória de jovens peruanos no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, PUCRJ, 2013.

DUTRA, Delia. *Mulheres migrantes peruanas em Brasília. O trabalho doméstico e a produção do espaço na cidade*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y INFORMÁTICA (INEI) et al. Perú: estadísticas de la emigración internacional de peruanos e inmigración de extranjeros, 1990-2011, OIM: Lima, 2012

LUCENA, C. T. Saberes e sabores do país de origem como forma de integração. *Cadernos Ceru*, vol. 19, n.o 1, São Paulo: USP, 2008, p.65-80.

OLIVEIRA, Márcia M. de. Feminilização e vulnerabilidades da migração internacional na Tríplice Fronteira Brasil, Peru e Colômbia. In: SIMPÓSIO FAZENDO GÊNERO, 2008. Anais eletrônicos. UFSC: Florianópolis, 2008a. Acesso em 3 de agosto de 2013. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST19/Marcia_Maria_de_Oliveira_19.pdf

_____. Migrações Fronteiriças: uma reflexão necessária no Amazonas. In: Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil, 5, 2008. Anais eletrônicos. Salvador, 2008b. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/public_mig_fro_ref.pdf. Acesso em 3 de agosto de 2013.

_____. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, 2006, p. 183-196.

PORTES, Alejandro. "Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea". *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.33, 2000, p.133-158.

REZENDE, Cláudia Barcelos. *Retratos do estrangeiro: identidade brasileira, subjetividade e emoção*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2009.

SAYAD, A. "Immigration et 'pensées d'État'". *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 129, 1999, p. 5-15.

_____. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EdUSP, 1998.

SANTOS, A. R. "A migração de peruanos para a Amazônia Brasileira: uma discussão sobre redes migratórias, fronteiras e identidades". *SOMANLU*, v. 12, n.2, 2012, p-63-82.

SILVA, Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da; HALL, S; WOODWARD, K. (orgs). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2000.

SPIVAK, Gayatri; BUTLER, J. *Quién le canta al Estado-Nación: lenguaje, política, pertenencia*. Buenos Aires-Barcelona-México, Paidós, 2009.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.